

O JORNAL DIGITAL COMO EPICENTRO DAS REDES DE CIRCULAÇÃO DE NOTÍCIAS

Elias Machado ^{xxvi}

1.1 A descentralização dos arquivos jornalísticos

Ao longo de mais de duzentos anos a história dos arquivos das empresas jornalísticas tem se confundido com a acumulação centralizada de recortes de edições antigas de periódicos e revistas. Até o fim do século passado a ‘morgue’, termo que no jargão jornalístico designa o arquivo, era mais conhecida pela constante ameaça de incêndios que representava e que poderia conter material valioso - sempre que localizado a tempo - já que faltava um método adequado para preservar o acervo e o trabalho era considerado temporário e indesejável. Como os mecanismos de busca e contraste de dados consumiam demasiado tempo o aumento da demanda por artigos contextualizados levou aos periódicos a instalação de arquivos internos para atender à exigência por veracidade, equidistância e respeitabilidade, que demandavam seus leitores.^{xxvi}

Na prática geral, a ‘morgue’ se tornou o lugar de depósito não só dos gravados de fotos e tipos, mas também do material adicional requerido para futuras referências como mapas, dicionários ou enciclopédias. Até o começo do século XX não se recomendava nos manuais profissionais que o arquivo fosse mais que uma coleção de materiais. Com a contínua utilização dos arquivos pela redação, nos anos 30, a mentalidade da ‘morgue’ como um conjunto de coleções de recortes a cargo de funcionários sem qualificação deu passo a um serviço de documentação coordenado por arquivistas profissionais, especialistas na coleta e gestão de dados. A mudança se deu em parte pelo desenvolvimento das empresas, em parte pela emergência da profissão de arquivista de periódicos e porque se descobriu que os arquivos contribuíam para melhorar o esforço conjunto da publicação.

Com o tempo os jornalistas se deram conta que a demanda pelo dados completos era fundamental para todos os meios. Os telejornais e os boletins radiofônicos dependiam sistematicamente dos recortes de periódicos. As redes de televisão e as emissoras de rádio contrataram profissionais para estruturar seus arquivos com as coleções de fitas, roteiros e filmes. Na contramão da tendência que predominou nas décadas anteriores de separar o armazenamento

dos materiais em conformidade com os distintos departamentos, um dos giros mais consideráveis na estrutura dos arquivos se deu quando se produziu a centralização das diversas coleções internas de cada uma das organizações jornalísticas. Os arquivistas e bibliotecários demonstraram que a centralização através de bem administrados procedimentos reduziria os custos e aumentaria a eficiência conjunta dos serviços.^{xxvi}

Com a revolução numérica, em que todas as estruturas estão sendo submetidas a uma lógica distinta,^{xxvi} um dos pontos nevrálgicos para o futuro das publicações digitais é superar a arquitetura centralizada dos arquivos, uma vez que a Rede mesma assume a função de arquivo vivo e descentralizado. Para tratar, concentrar e compartilhar os fluxos de conhecimento se necessita um conjunto de mecanismos capazes de, ao mesmo tempo, recolhê-los e arquivá-los. O crescimento dos dados impõe a aceleração tanto do tratamento dos documentos quanto do acesso à imensidade de dados armazenados.^{xxvi} Como nas sociedades complexas cada vez são menores as chances de sucesso do autodidatismo, cabe as organizações jornalísticas o atendimento das demandas informativas específicas dos usuários. No espaço das redes a função principal dos arquivos jornalísticos é tanto fomentar quanto orientar o intercâmbio de dados para a produção de notícias, reportagens ou comentários.

Como um espaço centralizado e cerrado, reproduzido aos milhares nas distintas empresas jornalísticas de todo o mundo, o acervo hierárquico dos arquivos não pode mais que reunir um conhecimento estereotipado e relativamente pobre. A duplicação das coleções aumenta os custos de atualização, consome boa parte do tempo útil dos arquivistas e impede um plano racional de investimentos complementares. A realidade aberta da Rede facilita a edificação de um sistema descentralizado de arquivos especializados que otimiza os tempos das requisições através de vínculos diretos. A estrutura relacional possibilita a elaboração de uma política equitativa dos custos de manutenção. Como é, ao mesmo tempo, mais complexa e fácil para manipular que a árvore hierárquica e cerrada dos suportes convencionais, a Rede incrementa a rentabilidade dos recursos disponíveis no conjunto dos meios.

O periódico digital como um epicentro das redes de circulação de notícias proporciona uma ruptura com a estrutura dos bancos de dados em linha^{xxvi}, articulados como um sistema de informação constituído de fichários ou artigos com texto completo das edições antigas que podem ser consultadas a distância e lidas com a ajuda de um programa especializado. A lógica hierárquica, centralizada e fechada persiste nos bancos de dados como serviços comerciais

independentes ou como arquivos dos periódicos em papel disponíveis para consulta pública, enquanto que o jornal digital permite um modelo horizontal e descentralizado de armazenamento das notícias. Em publicações como El Mundo Digital, de Madri, por exemplo, o usuário pode, através de um sistema de busca interna, rastrear sem nenhum tipo de restrição todos os conteúdos em suas variadas secções.

Com a inserção dos periódicos em uma Rede de meios o que muda é a própria noção de arquivo como um departamento das empresas jornalísticas. Na história do jornalismo durante cerca de cem anos os arquivos estiveram na periferia dos meios, na dependência da boa vontade do diretor de turno para executar suas atividades.^{xxvi} A edição digital põe fim a uma estrutura esquizofrênica que quase nunca soube incorporar o serviço de documentação como uma parte vital para a produção da notícia. Como o jornal no *ciberespaço*, sempre que o meio mantenha um sistema de armazenamento das edições anteriores, permanece em linha todo o tempo, os arquivistas, como veremos adiante, vão, em grande medida, substituir a gestão de dados por uma plena cooperação com os jornalistas. Em alguns casos, como forma de articular melhor os trabalhos, empresas como *Globo On*, do Rio de Janeiro, por exemplo, realizaram a fusão do Departamento de Documentação com a área digital.

A tecnologia digital tem transformado completamente as operações para o armazenamento de notícias, porque se tem dado pela primeira vez a possibilidade de um uso compartilhado dos fundos documentais, inclusive dos meios dos concorrentes. Embora seja certo que um número considerável de jornais ainda dispensa poucos recursos para o arquivo das edições na Rede, cada vez mais cresce o percentual de títulos que oferece todos seus produtos em linha. Enquanto que nos meios tradicionais o arquivo na maioria das vezes representava, um instrumento de trabalho para os profissionais de cada meio, nas publicações digitais os arquivos de um jornal se tornam a fonte documental dos outros.^{xxvi} Com a expansão das redes se deu um cruzamento sem precedentes de alianças entre as corporações tanto na gestão quanto na produção de conteúdos.

Como resultado da proliferação das redes cada uma das publicações digitais pode estender suas atividades para utilizar as capacidades de memória de todo o sistema como fundamento das ações futuras. No cenário emergente das empresas jornalísticas contemporâneas cada jornal assume uma função de articular um sistema orgânico de saberes entrelaçados, abandonando pouco a pouco a metáfora do arquivo somente como um depósito dos registros do passado, uma fonte auxiliar de pistas para reportagens e um guia para o trabalho dos jornalistas. A valorização

das conexões entre os distintos meios possibilita fomentar uma correspondência antes inédita entre as notícias que supera os limites clássicos das práticas internas de indexação e de arquivo. Na Rede a memória antes de refletir um passado morto apresenta parâmetros para aumentar o coeficiente de previsão no fluxo ininterrupto de circulação das notícias.

Os recursos potenciados pelas redes de circulação de notícias vão alterar de forma radical as práticas de coleta de dados. A aplicação apropriada da tecnologia em linha estimula a unificação das habilidades dos jornalistas ao redor de notícias específicas ou de temas na medida em que se vão colocando em xeque as jurisdições internas baseadas nas especialidades tópicas das secções. Com raras exceções nas redações digitais todos os profissionais estão encarregados da cobertura de todo tipo de assuntos. O jornalista como que renuncia a umas responsabilidades delimitadas de antemão dentro de um campo determinado para ativar sucessivas alianças cooperativas ao redor de demandas especializadas. Como a memória acumulada é acessível a todos aqueles conectados às redes, se dispensa aos profissionais de grande parte do trabalho individual prévio de coleta de dados sobre eventos isolados, possibilitando aos jornalistas o respaldo dos acervos coletivos para, em vez de debruçarem-se sobre o que alguém disse que ocorreu ou que vai ocorrer, compreender melhor o significado das temáticas fundamentais para o futuro das sociedades.

Com as publicações articuladas como *nós* da Rede muda o foco e se alarga a escala das notícias. O evento limitado a um lugar particular, dependendo dos interesses do repórter, pode ganhar um contexto cuja escala inclua feitos similares a nível local, nacional ou mundial. De forma diferente de como ocorre a checagem dos dados quando limitadas aos materiais dos arquivos, na maioria das vezes circunscrita as fontes de cada jornal, as referências são tomadas da literatura técnica, de citações legais e das notícias das demais publicações.^{xxvi} Nas publicações digitais um conjunto de técnicas específicas de armazenamento e organização permite a recuperação dos dados para contextualizar as notícias. Para disponibilizar os trabalhos escritos por outros profissionais sobre as mais diversas questões, a Rede deixa o jornalista em condições de avaliar objetivamente as declarações ou documentos das fontes.

A natureza dos estoques digitalizados das redes altera a metodologia tradicional de busca porque facilita o acesso imediato a uma quantidade imensa de dados reunidos em certas direções eletrônicas. Como as publicações codificam eletronicamente suas notícias ou artigos em uma forma digital que podem ser organizadas e armazenadas no momento exato que o ítem alcança as páginas, o armazenamento das notícias não é uma parte separada do processo produtivo, como

ocorre nos meios analógicos, mas é uma parte integral da cadeia de produção.^{xxvi} Com a finalidade de retirar da massa de materiais armazenados os aspectos mais relevantes, na recuperação de dados nas publicações digitais a frase de busca definida pelo próprio repórter para obter uma perspectiva geral do tema substitui a requisição encaminhado aos arquivistas para obter esclarecimentos sobre determinado fato.

1.2. O jornal como atualização coletiva da memória social

Na história do jornalismo cada empresa jornalística tem funcionado como uma espécie de memória coletiva de uma cidade, de um país ou do mundo, armazenando as notícias dos eventos diários, um capital essencial para iluminar as decisões tomadas nos negócios públicos.^{xxvi} Com as edições digitais se multiplica a facilidade para consultar dados altamente específicos, localizados e personalizados. Em comparação com os meios tradicionais, além do tipo de suporte, uma de suas principais diferenças situa-se na lógica que estrutura as relações entre os jornalistas, os arquivistas e os usuários no processo produtivo. A produção, uma etapa antes independente do consumidor, torna-se mais interativa para poder incorporar as demandas dos participantes das redes formadas em torno de cada publicação aos produtos finais. O uso dos dados disponíveis pelos jornalistas não é mais que um primeiro passo em uma cadeia de sucessivas criações e avaliações coletivas dos conteúdos armazenados.

Desde os primeiros experimentos no jornalismo moderno até os anos 1980, quando a tecnologia digital se expande, o sistema de produção, armazenamento e recuperação dos recortes de jornais dos arquivos jornalísticos dependia das consultas físicas em milhares de estantes. A divisão restrita das funções entre os diversos membros do circuito de circulação da notícia reduzia de forma considerável a variedade de fontes e dados acessíveis aos distintos atores sociais. Enquanto nos meios clássicos as fontes e os jornalistas dispõem de um grau de conhecimentos mais amplo que os arquivistas e os usuários, nos jornais digitais, como a divisão do trabalho é mais flexível, o intercâmbio entre todos os participantes é mais acentuado e o acesso aos dados brutos deixa de ser prerrogativa dos jornalistas ou das fontes.

No mundo das redes, em que a presença das publicações em linha tem aumentado a profundidade das coberturas, ao menos desde o começo dos anos 80, os arquivistas mais que compartilhar dados secundários com os jornalistas, têm necessitado apresentar interesses e

conhecimentos antes alheios às tarefas inerentes à categoria. Como a reportagem em profundidade requiere a consulta de dados especializados obtidos de forma coletiva, a um mesmo tempo, as empresas jornalísticas estão, por uma parte, reformando e aperfeiçoando seus serviços de documentação, e, por outra, ampliando o número de profissionais treinados na busca e gestão de dados em linha.^{xxvi} O arquivista tem que assumir, em parte, a tarefa de descobrir quais são as questões que devem ser apresentadas e arquivar aos dados de um modo que facilite seu uso pelos usuários do sistema.

A edição digital de textos ou imagens permite o armazenamento em linha das notícias ou fotos e sua imediata recuperação por parte dos jornalistas desde lugares remotos sem a intervenção dos arquivistas. Com a integração das imagens ou textos digitalizados como uma parte do processo de edição se pode expandir de maneira geométrica a disponibilidade de fotos ou artigos arquivados, alterando totalmente o fluxo de trabalho dos departamentos editorial e de produção.^{xxvi} Na redação digital do *Globo On*, por exemplo, na hora de ilustrar uma notícia ou reportagem, o jornalista pode recuperar todas as fotos depositadas nos arquivos da publicação ou nos bancos de dados das agências de notícia sobre o assunto, e, sem qualquer contato prévio com os arquivistas ou os encarregados do departamento de fotografia, adequá-las a suas necessidades através de um programa de tratamento de imagens.

A multidão de jornais, enciclopédias, dicionários e revistas em linha tem levado os diretores das publicações digitais a realizar uma rígida avaliação das assinaturas indefinidas dos exemplares em átomos e a um exame das políticas de arquivo de edições antigas, atividades centrais nos serviços de documentação dos meios tradicionais. Os arquivistas estão tendo que valorizar custos e a temporalidade do material em linha com a relação entre frequência de uso e os custos do mesmo produto em formato impresso. A busca remota de materiais de referência armazenados nos bancos de dados em linha tem provocado um forte impacto na gestão das coleções. O trabalho de indexação interna das edições de cada jornal digital, com a classificação de material (texto completo, por gêneros, títulos ou nome dos autores) ocupa uma parte considerável do tempo antes dedicado à seleção e catalogação de publicações impressas externas.

A habilidade para recuperação de documentos nos bancos de dados tem se tornado essencial para as operações da cadeia de produção da notícia e tem sido incorporada como uma das funções básicas dos jornalistas. Se bem que é certo que a capacidade para apurar os dados historicamente tem sido uma das competências dos jornalistas, com a proliferação das publicações digitais, dos

bancos de dados comerciais e dos programas de busca, o trabalho tem se tornado muito mais complexo. A localização de fontes para as reportagens, a descarte e o arquivamento de dados disponíveis nas publicações em linha são uma parte do trabalho diário de todos os profissionais das redações das empresas jornalísticas nas redes. O arquivo e a indexação do jornal não são mais confiados somente aos arquivistas. Na revista espanhola *Enredando*, editada em Barcelona, por exemplo, cabe aos jornalistas definir as frases de busca e redigir os resumos dos textos que permitem recuperar as notícias ou artigos de edições passadas.

A tecnologia digital para tratamento e armazenamento de dados tem ajudado a transformar completamente a operação das redações nos meios digitais. O processo de edição em linha, com a escritura na tela, transpassa para o jornalista muito do trabalho das oficinas, enquanto que os arquivistas tem uma participação considerável na elaboração de reportagens ou documentos sobre temáticas especiais como, por exemplo, no roteiro dos candidatos de todos os partidos para as eleições gerais espanholas do ano 2000 preparado por *El Mundo*. De um cortador e arquivista de recortes de notícias ou um consultor de fontes de referência, o arquivista passou a uma atuação conjunta, e, em alguns casos, como é a busca e provisionamento de perspectiva para os dados, compartilhando funções antes tipicamente exercidas pelos jornalistas no processo de produção da notícia.^{xxvi}

O que mais chama a atenção é que, no começo dos anos 90, é provável que, em um livro sobre serviços de documentação, não haveria um capítulo sobre recuperação de dados em linha, e não porque a prática fosse uma novidade, mas porque antes da consolidação das publicações nas redes a busca da notícia era concebida de forma mais estreita. Com a divisão coletiva do trabalho na seleção de materiais para fundamentar as reportagens, como consequência da utilização das técnicas de busca em linha e a causa da identificação de um número de funções compartilhadas entre os diversos profissionais do meio, o que antes era um caso atípico em alguns poucos grandes diários metropolitanos tem se convertido em uma atividade rotineira nas publicações. Os arquivistas podem escrever cronologias e parte das notícias ou reportagens, fazendo que desapareça progressivamente o protótipo do repórter que produz sozinho todas as notícias.

A edição digital retirou do jornalista o protagonismo do processo de produção dos conteúdos, uma vez que agora intervém tanto o arquivista quanto o usuário do sistema, que podem participar enviando dados ou questionando os aspectos controvertidos dos textos ou imagens publicados. Se se considera o conjunto das publicações disponíveis nas redes como uma base de dados coletiva,

ainda que sempre haja alguns especialistas, com conhecimentos das técnicas documentais e do jornalismo, a redação dos meios passa a compartilhar com cada pessoa a prerrogativa de elaborar resumos, análises e comentários sobre os temas da atualidade. Nas seções de debates dos jornais digitais a definição da agenda pertence aos participantes das discussões, e, muitas vezes, o rumo proposto pelos interlocutores ultrapassa por completo aos tópicos apresentados pelos jornalistas como eixo central.^{xxvi}

Como o jornalista das publicações digitais trabalha em conexão com os constantes fluxos de dados preparados pelos arquivistas, aproveitando aqueles que têm mais vínculos com as notícias que está redatando para que possa oferecer uma visão mais completa e profunda dos eventos, para alguns estudiosos^{xxvi}, não seria de estranhar, que no futuro ambas funções se sobreponham, melhor dito, se complementem, com o que apareceria uma figura híbrida, que recolheria o melhor do jornalista e o mais acertado do arquivista. Mas, se se examina o processo de modo mais detalhado, se pode perceber que, a apesar da aparente simbiose, as funções desempenhadas pelos profissionais são distintas. Enquanto os jornalistas mantêm a responsabilidade pela redação e a assinatura de reportagens, os arquivistas administram os arquivos e o uso por terceiros dos acervos das empresas.^{xxvi}

Se é certo que a crescente aceitação e uso dos recursos em linha incita a uma reestruturação completa das relações entre jornalistas, arquivistas e usuários, ainda que não seja inconcebível, parece pouco factível que, no futuro próximo, se faça jornais sem jornalistas, com o que quase todas as pessoas poderiam converter-se em profissionais do jornalismo.^{xxvi} O mais provável é que em vez de abolir-se a divisão entre as distintas categorias envolvidas no processo haja uma mistura, mutação ou inversão das funções antes executadas. A tendência é que o trabalho primário do arquivista – catalogar, armazenar e orientar o usuário para utilizar os arquivos potencialmente importantes – permaneça, porém com a ênfase na função de complementar as notícias mais que na tarefa demandada pela manutenção dos arquivos, enquanto que a busca de notícias em linha deve integrar-se ao conjunto das atividades dos jornalistas.^{xxvi}

As atuais dúvidas sobre os contornos de cada atividade nas publicações nas redes são, em certa medida, como uma reedição das inconsistências suscitadas nas corporações nos começos da revolução da imprensa. Quando a catalogação era uma ciência emergente, a própria idéia de um depósito logicamente ordenado do conhecimento na enciclopédia, uma tentativa de organizar de modo sistemático e uniforme uma multidão de dados dispersos, apresentou uma série de

reticências.^{xxvi} Do mesmo modo que a imprensa fez possível o aparecimento do acadêmico, do escritor e do jornalista, a revolução digital, sem negar suas particularidades, estimula o cruzamento das habilidades dos usuários (escritores aficionados, mas talvez científicos afamados); dos arquivistas (catalogadores profissionais, mas cada vez mais incorporados nas tarefas editoriais) e dos jornalistas (escritores e investigadores especializados).

Até o momento, o panorama profissional nas redações digitais, se bem que não é definitivo, indica que é discutível a hipótese de que o arquivista tenha como tarefa prioritária ampliar os conteúdos do jornal em conformidade com as necessidades dos usuários.^{xxvi} É inegável que o arquivista tem de buscar os aspectos paralelos das notícias para complementar o trabalho dos repórteres, porém é pouco provável que a elaboração de uma rigorosa indexação das publicações passe a um plano secundário. A abundância de dados disponíveis condiciona cada vez mais a velocidade e o êxito dos acessos ao grau de precisão com que os índices ou roteiros são capazes de auxiliar na recuperação dos conteúdos armazenados. Com os bancos de dados em linha se tem percebido que é necessário fazer a busca tanto por títulos, datas ou assinaturas, como pelos artigos com texto completo, um instrumento melhor que um resumo ou uma entrada bibliográfica.^{xxvi}

Para evitar o que passava com os índices impressos, quando a perda de tempo para capturar os dados requeridos impulsionava os repórteres, editores e fotógrafos a confiar mais nas coleções de recortes dos arquivistas, é recomendável refinar os critérios de busca, aperfeçoando os instrumentos para identificar e localizar itens específicos das publicações em linha. Como o percentual de sucesso nas buscas é um fator crítico para conseguir a adesão de repórteres ou usuários, um bom índice deve indicar a natureza e a importância dos conteúdos – oferecendo dados adicionais (anotações) e indicando a correlação entre os itens. Os índices devem sofrer correções e clarificações permanentes, já que, por uma parte, sua qualidade é determinada em larga medida pela veracidade dos dados, e, por outra, a amplitude de sua aceitação depende do número de entradas individuais que possibilita o rastreamento dos fundos documentais.

A facilidade com que o jornalista encontra ou recebe os dados de apoio para as notícias depende, portanto, em parte, da confecção prévia da base de dados pelos arquivistas e, em parte, das contribuições dos colaboradores ou especialistas de cada campo. O repórter que segue conectado à Rede de forma permanente pode utilizar os dados enviados pelos arquivistas ou colaboradores para contrastá-los com o material obtido das fontes ou como ponto de partida para

futuras averiguações. Nas redações digitais, ainda que cada membro exerça umas atividades concretas e complementares, o colaborador, como afirma Marcos Recio,^{xxvi} é quem tem o campo mais aberto, uma vez que sugere as pautas ou as fontes para os jornalistas, chama a atenção sobre os erros nas notícias publicadas, e, através de seus conhecimentos pessoais, expressa suas opiniões sobre temas cruciais da conjuntura.

Como cada participante tem suas ações delimitadas no processo de produção dos conteúdos, se se observa com cuidado o funcionamento das publicações digitais, se pode dizer que a previsão de que o arquivista ou o colaborador exerçam as atividades dos jornalistas permanece uma profecia distante. O que, muitas vezes, se passa por alto é que não é por simples vaidade que a grande maioria dos repórteres prefere fazer de forma pessoal as buscas em linha em vez de solicitá-las aos arquivistas ou incorporar os documentos enviados pelos usuários. É que o jornalismo, como uma modalidade singular de interpretação do presente social supõe o domínio de métodos e conceitos particulares e nem os arquivistas nem os usuários podem julgar a exata dimensão das necessidades do repórter em cada caso específico.

1.3. A produção jornalística como documentação social

Nos últimos anos o processo de documentação tem evoluído de forma extraordinária, de maneira que em um curto lapso de tempo se tem passado do documento em papel ao denominado documento electrónico.^{xxvi} A utilização do suporte numérico tem facilitado o intercâmbio de dados e a circulação das notícias nas redes internas das redações ou o uso compartilhado dos conteúdos entre os meios de um mesmo grupo separados a larga distância. Com a progressiva suplantação do suporte papel pelo suporte digital muitas são as dificuldades a superar nas publicações nas redes para garantir o acesso, a preservação e o reconhecimento jurídico dos formatos emergentes de documentos para evitar que uma parte relevante da memória coletiva se converta em memória efêmera.^{xxvi}

A sucessiva revolução tecnológica fez possível que em apenas um século houvesse uma transformação completa no conceito de documentação jornalística. A documentação se considerou primeiro como arquivo, mais tarde como serviço de documentação e, posterior e atualmente, como centro de documentação.^{xxvi} A princípio, como um processo prévio a produção da notícia, a documentação compreendia a recuperação e a preparação de dados de apoio para os jornalistas. Com as publicações digitais o processo documental se move, em grande parte, ao mesmo ritmo dos meios eletrônicos, e supõe a avaliação dos trabalhos que vão aparecendo no

conjunto da Rede. Durante a atualização permanente dos conteúdos, se julga o valor da documentação pelo aporte em tempo real de dados confiáveis, adaptados às necessidades imediatas de cada jornal.

Se bem o processo é similar em todas, porque exigem uma seleção, um tratamento e uma disposição para que o usuário as consulte, como lembra Marcos Recio,^{xxvi} a documentação jornalística se diferencia das demais formas de documentação como a científica ou a econômica porque permite um acesso em tempo real aos documentos. O jornalista que trabalha na seção de Últimas Notícias de *El Mundo*, por exemplo, que funciona de forma ininterrupta 24 horas por dia, necessita de um apoio documental constante, com documentos atualizados no menor tempo possível, caso queira competir com meios eletrônicos como a rádio ou a televisão. Como forma de aumentar a pertinência das referências, o centro de documentação jornalística se ocupa da manutenção dos documentos considerados vitais para o uso, confeccionando bases de dados temáticas e colocando-as a disposição imediata dos jornalistas.

O jornal digital aporta um salto qualitativo decisivo porque, como encurta o processo documental, a recuperação de dados é sempre muito mais rápida, exaustiva e proporciona uma inversão na cadeia produtiva. A documentação, através dos enlaces entre os artigos ou reportagens similares, se converte em uma fonte noticiosa direta, impensável nos meios convencionais e sem a qual se pode dizer que os conteúdos são incompletos.^{xxvi} Na redação de *Globo On*, por exemplo, os jornalistas da seção “*Fio da Meada*”, em conexão com o Departamento de Documentação, elaboram de modo sistemático apoio documental para as notícias consideradas mais relevantes no período, atualizando os conteúdos com as últimas notícias ou acrescentando vínculos com reportagens prévias correlacionadas, armazenadas nos fundos documentais internos e externos.

Com as publicações conectadas em forma de redes emerge um novo sistema de produção da notícia que altera as estruturas dos documentos jornalísticos. As aplicações nos entornos digitais são compatíveis com os documentos multimedia de forma aberta, confeccionados e adaptados aos propósitos dos usuários. Enquanto as notícias nos suportes convencionais são limitadas por uma disposição fixa, que as empacota de modo isolado, os entornos multimedia transformam cada artigo em um nó de conexões, oferecendo enlaces para um amplo espectro de documentos congêneres, de forma que o usuário decida como melhor explorá-los.^{xxvi} Os documentos multimedia de forma aberta ampliam as opções dos jornalistas, arquivistas e usuários,

proporcionando aos participantes das redes de circulação de notícias uma maior liberdade de movimentos e de recursos, com alterações profundas no resultado final dos conteúdos.

Nos documentos multimedia de forma aberta a possibilidade de estruturar o percurso discursivo se entrelaça com a própria estruturação conjunta dos conteúdos. As aplicações onde existem múltiplos produtores, como os multimedia de forma aberta, permitem aos usuários desenvolver formas apropriadas de interação ao mesmo tempo que testam formas de organização dos dados armazenados ou apurados. A redação da revista *Enredando*, por exemplo, seleciona as contribuições dos usuários para publicar na seção *En Media*, avaliando a compatibilidade e o grau de oportunidade de inserí-las nas discussões. A medida que vão aparecendo artigos relacionados aos publicados em edições anteriores cabe aos jornalistas, contatar aos colaboradores, ativar enlaces entre os distintos textos e acrescentar apoio documental com vínculos internos ou externos para permitir aos novos usuários o seguimento de cada caso.

Os itinerários de circulação da notícia nos documentos multimedia de forma aberta das publicações jornalísticas nas redes são definidos de modo compartilhado entre os jornalistas, arquivistas e usuários. A estrutura para a cobertura sobre as eleições gerais espanholas de 2000 proposta pelos jornalistas em colaboração com os arquivistas para atender às demandas dos cidadãos durante a campanha, por um exemplo, serviu como uma interface que os usuários puderam explorar de uma variedade de maneiras diferentes. Se bem que, como a composição modelo dos enlaces a desenha o jornalista, o controle que se dá ao usuário é parcial porque, ainda que um número razoável de vínculos predeterminados conduza a uma gama enorme de percursos possíveis, cada participante externo às publicações tem que adaptar-se à sintática dos vínculos da estrutura básica.^{xxvi}

As limitações impostas aos usuários nos entornos multimedia de forma abierta demonstra que a liberdade no desenho participativo dos documentos é muito mais uma possibilidade de eleger entre distintos itinerários que uma questão de controle sobre o modo como são dispostos os mecanismos de enlace entre os nós da Rede. Uma das características intrigantes do documento multimedia aberto nas publicações jornalísticas, quase nunca de todo compreendidas,^{xxvi} é que em vez de apagar as diferenças entre os que desenvolvem as aplicações se lhes incorpora como um fator de enriquecimento do processo interativo de elaboração dos documentos. Como no jornalismo uma abertura total nos conteúdos pode dificultar a compreensão das notícias, a melhor fórmula são as estruturas híbridas com um tipo de desenho que permita múltiplas interações com

todas as faixas de usuários, combinando os itinerários fixos com a possibilidade de que se possa acrescentar dados aos que não se poderia consultar previamente.

A evolução para o suporte numérico impulsiona um processo de flexibilidade nas tipologias documentais clássicas, com a emergência de uma versatilidade enorme de estruturas heterogêneas. A diversidade dos registros incluídos nos fundos documentais armazenados nas publicações digitais (imagem fixa, vídeo, som, textos) confirma a hipótese de que com o impacto das redes se tende a privilegiar o conteúdo antes que o suporte em que os dados se encontram fixados. Como as aplicações são, em parte, produto do grupo de usuários o desenho dos documentos se converte no desenho de entornos. A cobertura da cerimônia dos Oscar 1999, arquivada no jornal *El Mundo Digital*, por exemplo, incorpora uma variedade de materiais que vai dos resultados oficiais, com gráficos animados, até *La Porra de El Mundo* em que cada participante pôde votar em seus favoritos para receber os prêmios de Hollywood.^{xxvi}

A superação de conceito clássico de documento, vinculado de maneira indissociável ao papel, que permite outorgar toda a consideração documental aos documentos digitais, impõe a definição de regras básicas de armazenamento para as publicações nas redes. A contínua atualização dos conteúdos que põe fim à tradicional edição final única dos meios convencionais dificulta o arquivo de todos os materiais publicados. Como as edições passadas são removidas em uma média de sete dias falta à maioria dos jornais digitais um caráter de fixação temporal que sustente um sistema estável de referências. O valor de um documento depende da forma particular das condições para examiná-lo de modo permanente porque é a localização dos dados que possibilita verificar a autenticidade dos conteúdos, evitando a utilização de documentos emendados, adulterados ou manipulados.^{xxvi}

A ausência de uma política geral de arquivos estáveis ou inclusive de um mecanismo tipo o depósito legal como ocorre com os jornais impressos, prejudica a compreensão dos conteúdos a longo prazo porque no circuito das redes o documento aparece como um elemento de um amplo contexto. Como pode comportar uma série de enlaces internos ou externos parte do significado de cada notícia permanece associado ao documento como eixo central de um entramado de relações.^{xxvi} O simples arquivo completo de um jornal isolado de pouco adiantaria, uma vez que sem o desenvolvimento de um dispositivo confiável que autorize a captura dos enlaces é impossível reconstituir de forma plena o contexto dos conteúdos. A solução de arquivar todos os

enlaces em cada publicação, ainda que fosse viável em termos técnicos, tampouco seria satisfatória porque provocaria uma ruptura com a doutrina descentralizada das redes.

Como é provável que o arquivo dos documentos digitais, em caso de que a iniciativa permaneça nas mãos dos próprios produtores, fica condicionado à viabilidade econômica, legal e técnica do projeto, cabe a todas as instituições sociais preocupadas com a preservação da memória coletiva a elaboração de uma legislação que permita o armazenamento do conjunto dos conteúdos considerados como um patrimônio de elevado valor econômico e cultural. A norma, consensual entre os especialistas, de que os documentos destinados a audiências externas como, por exemplo, os textos constitucionais, os conteúdos de jornais ou atos administrativos são prioritários^{xxvi} resulta um critério restritivo, uma vez que como um programa de arquivo, ainda que de forma involuntária, exerce caráter seletivo sobre uma cultura, seria aconselhável que o tipo de documento elegido para permanecer em linha fosse determinado por uma hierarquia flexível.

Em consonância com o direito de pleno acesso à totalidade do patrimônio documental a normativa que trata da constituição dos arquivos como uma espécie de banco de memória coletiva necessita superar os confins dos documentos gerados pelas instituições oficiais, contemplando uma ampla variedade de formatos ou conteúdos representativos dos distintos segmentos de cada cultura.^{xxvi} A infinidade de publicações destinadas a faixas específicas, somente de forma aparente representam uma contradição com a função de sistema de registro das principais ações sociais, já que, como uma Rede de nós complementares, todo jornal pode, aproveitando as potencialidades do suporte para albergar entornos interativos como listas de discussões, misturar nos arquivos um leque de materiais que vai das notícias diárias às intervenções dos usuários sobre os assuntos predominantes na agenda pública.

O principal entrave para a generalização de um programa de arquivos descentralizados que conserve os documentos em forma numérica é a escassa durabilidade dos equipamentos. A evolução tecnológica conduz a uma obsolescência dos suportes e dos aparatos de leitura em períodos muito curtos para compensar os investimentos na conversão dos fundos documentais.

Enquanto o microfilme que compatibiliza a segurança dos documentos originais com sua facilidade de convivência com o suporte digital pode alcançar uma durabilidade de cem anos, o tempo médio de mortalidade dos equipamentos utilizados para armazenar dados em forma digital é inferior a uma década, com repercussões desastrosas para a conservação dos documentos. A



falta de transcrição em tempo hábil para os novos suportes provocou, por exemplo, a perda de todos os dados do censo dos Estados Unidos de 1960.^{xxvi}